

## ELOGIO DA AMBIÇÃO INTELECTUAL

**Julián Marías**

Traduzido por **Wanderson Lima**

**Julián Marías Aguilera** (Valladolid, 1914 – Madrid, 2005) foi um dos filósofos espanhóis mais celebrados do século XX. Discípulo de Ortega y Gasset e católico militante, tendo inclusive participado das sessões do Concílio Vaticano II, Marías possuía um talento invulgar como ensaísta e conferencista; aos 26 anos, escreveu uma história da filosofia que ainda hoje é bastante popular em muitos países hispânicos. Sua filosofia se assenta fortemente na noção de pessoa e denota forte influência do raciovitalismo orteguiano. Seus múltiplos interesses abarcam da metafísica à sociologia, dos problemas da formação política e cultural espanhola ao cinema, da tradução à condição da mulher no século XX. Entre suas obras mais relevantes se pode citar *El tema del hombre* (1943); *Antropología metafísica: la estructura empírica de la vida humana* (1970) e *España inteligible: razón histórica de las Españas* (1985). O artigo aqui traduzido foi publicado no *Diario ABC*, de Madrid, em 31 de outubro de 1996, sob o título de “Elogio de la ambición intelectual”]

Quando, há sessenta e cinco anos, cheguei à Universidade e me iniciei no nível efetivo da vida intelectual, não só espanhola, mas europeia, era costume dizer: “Tudo está por fazer e se sabe como há de ser feito”. Era um momento de esplendor, que recorro com bastante precisão em um livro recente, *Razón de la filosofía*.

Pode parecer estranho que, sendo verdade esse esplendor, pudera dizer-se que “tudo está por fazer”. Creio que esta fórmula era justificável. O homem se depara sempre com uma multidão de perguntas, de problemas, de questões a respeito das quais necessita saber a que se ater. Seja qual for o nível alcançado, o horizonte do problemático é o que dá medida aos sucessos. Precisamente nas datas a que me refiro se havia alcançado o que denomino um “ponto de inflexão” do pensamento, especialmente no que se refere aos métodos. À luz deles, se viam os

problemas de uma maneira nova, mais urgente e exigente, e ainda se descobria como delinear-los de maneira mais radical e mais promissora. Isto explica a aparente contradição da fórmula que recordei.

O que poderia ser dito hoje, depois de tanto tempo? Segue sendo válida a antiga fórmula? Fazem-na sua os que hoje trabalham com problemas intelectuais? O crescimento de tudo é a característica que marca a diferença entre aquela época e a atual. Aumentou enormemente o número de pesquisadores em todas as disciplinas, e, sem dúvida, o número de estudantes delas. Cresceu a uma cifra inabarcável a bibliografia sobre todas elas: não apenas é impossível ler esses escritos como até o índice de seus títulos. O acúmulo de “resultados”, informações ou averiguações acerca de todas as questões imagináveis é prodigioso.

No entanto, se se lança um olhar sobre algumas porções desse labor, fica-se perplexo. Há revistas cheias de artigos ou resenhas que não têm o menor interesse; fala-se de personagens, livros ou simplesmente minúcias que não esclarecem coisa alguma. Tem-se a impressão de que seus autores cederam à necessidade de escrever sobre algo, sobre “qualquer coisa”, para responder à funesta fórmula “publish or perish”; ou bem buscaram agradar a suas amizades ou aos que se poderia chamar “correligionários” de qualquer observância, desde a política até a comarca a que pertencem.

Ou seja, o que se escreve e publica, em inúmeros casos, não corresponde a nenhum “problema”, a algo que levante uma questão a qual é de fato importante resolver, ou ao menos fazer uma tentativa. É muito raro ler algo em que se perceba a inquietude do autor, sua necessidade de posicionar-se com clareza sobre algo urgente. A dúvida, a incerteza, a necessidade de saber sempre foram os motores da vida intelectual, e também sua justificativa.

Muito mais que de notícias, informações, dados adquiridos, nos movemos em um horizonte de problematicidade; o que sabemos é muito, mas o que não sabemos e necessitaríamos saber é incomparavelmente mais. A ciência – no sentido mais amplo da palavra – se nutre sobretudo do que poderíamos chamar “ignorância

inaceitável”, a qual resistimos, sentimos como algo intolerável, impulso de nosso esforço.

No passado recente, houve intelectuais com os quais eu não estava muitas vezes de acordo, que às vezes erravam, mas pelos quais sentia admiração; eram aqueles que quando viam um problema iam direto a ele, o delineavam, com melhor o pior sorte; a sorte era algo secundário. E quando era adversa, na maioria dos casos podia comprovar-se que haviam aderido às cegas a um método ou a um resultado que não haviam posto verdadeiramente em questão, quer dizer, que não haviam tratado com a problematidade exigível; isto é, que por uma vez – talvez no princípio – haviam sido infieis ao que era seu mérito maior, o que os fazia credores de minha admiração.

Falei de um “passado recente”. E no presente? Certamente há, em todos os campos, intelectuais que vivem dos problemas, que se fazem constantes perguntas e intentam buscar respostas; mas se se faz uma contagem, surpreende a escassez de seu número. Em algumas disciplinas, são simplesmente exceções.

Muitos estão sobrecarregados pela informação, pelo que pensam que “devem” conhecer e não podem. Seria essencial que se dessem conta de que esse “dever” não existe, bem ao contrário.

Li recentemente um livro estrangeiro, sobre um grande autor espanhol, que representava um esforço considerável e uma atitude inteligente e compreensiva. Ao examiná-lo em detalhe, minha decepção foi total: o autor se sentiu obrigado a conhecer e citar inúmeros escritos sobre o autor estudado; sua bibliografia era copiosa; mas o pior é que o livro estava cheio de referências e citações textuais desses escritos, a maioria dos quais eram estúpidos, inúteis ou desorientadores.

A pressão habitual, as exigências acadêmicas ou editoriais, a imitação ou o contágio, estão comprometendo a ambição intelectual, ambição que leva alguém a atrever-se a estabelecer as questões interessantes e sobretudo importantes, as que reclamam esclarecimento, até o ponto de serem temas dignos para meditar e, em última instância, para viver.

São frequentes, demasiado frequentes, outras ambições: a econômica, a de alcançar postos ou honrarias, a da fama. Em compensação, escasseia a ambição de fazer algo que valha à pena, ainda que não se seja reconhecido, estimado e comentado. A vocação intelectual – como a literária ou a artística, de modos distintos requerem isto, consistem nisto, e nada mais. Quero dizer que tudo o mais, se por acaso pode se conciliar com isso, se dá por acréscimo.

As épocas de esplendor são aquelas em que houve esse tipo de ambição; às vezes coexistindo com outras, porém o mais provável é que tenha sido a única nos que a sentiam, e que tenham abandonado todas as demais aos que se ocupam de outras tarefas. Talvez a principal causa da decadência que vejo no horizonte, que me segue parecendo evitável, com uma esperança cada vez mais ameaçada, seja a carência de verdadeira ambição intelectual, o contentamento com coisas que, por mais brilhantes ou bem pagas que sejam, parecem desprezíveis ao que anseia fazer algo para descobrir uma verdade ou crer em algo onde a beleza se realiza.

---

**Wanderson Lima** é poeta, ensaísta e professor de literatura na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Blog: <http://epigramasepitafios.blogspot.com.br/>